

FONSECA, Rubem. *O seminarista*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

O assassino profissional não olha, vê, essa é sua principal virtude: ver, *videre acrius*, como dizia Cícero, ver bem (p. 9).

Depois de longos anos sendo editado pela Companhia das Letras, Rubem Fonseca lança o seu primeiro romance pela Agir: *O seminarista* (2009). O livro pode ser considerado um marco na obra de Fonseca, não só por estar em uma nova editora, mas também por apresentar, em sua essência, um esvaziamento temático no que tange à violência exacerbada. Sobre o estilo narrativo desta obra, Alvaro Costa e Silva (2009, p. 5) diz: “o romance é puro, Fonseca mantém a mão firme na tensão narrativa”.

Frequentemente, Rubem Fonseca resgata personagens de outros romances e os transforma em protagonistas. Conforme Medeiros (2010, p.10):

Rubem Fonseca recupera personagens anteriores nas suas obras: como é o caso de Gustavo Flávio personagem principal de *Bufo & Spallanzani* que retorna em *E do meio do mundo prostituto só amores guardei em charuto*; o caso de Mandrake que apareceu pela primeira vez no conto *o sequestro de F.A.*”, em Lúcia McCartney que volta em *A Grande Arte*, em *Mandrake, a bíblia e a bengala* e em outros contos; e o caso de Mattos que surge primeiramente em *Caso Morel* e depois torna-se o personagem principal de *Agosto*. Nesses dois últimos romances, Mattos, por ser um comissário de polícia, é responsável pela delegacia. Em *Caso Morel* ele apresenta o escritor Vilela para o prisioneiro Morel, sendo assim um personagem secundário.

Nesse romance, Fonseca reutiliza a personagem José, conhecido como “o especialista”, de alguns contos do livro *Ela e outras mulheres* (2007). Por fazer referências aos contos, o autor cita trechos, como por exemplo, casos de extermínio e pequenos romances da trama e personagens secundários da obra de 2007 em seu novo livro.

O personagem-narrador é chamado de “especialista” por se ter tornado um dos melhores matadores profissionais da cidade do Rio de Janeiro. Tal alcunha já lhe era atribuída nos contos de *Ela e outras mulheres* (2007).

Nas primeiras páginas de *O Seminarista*, José narra seus últimos trabalhos como matador profissional para, no quinto capítulo, anunciar que desistiria do mundo do crime. O motivo: numa certa manhã, ao tomar café numa padaria, deparara-se com uma mulher solitária e forçara uma aproximação. José apaixonou-se por Kirsten. Mais tarde, descobriu que ela era filha de seu antigo patrão, o Despachante.

Os grandes criminosos não acreditam na desistência de José. Pensam que ele vai denunciá-los à polícia. Por isso, José começa a ser perseguido e é obrigado a fugir de casa. Acuado, resta-lhe apenas uma saída: passa a procurar aqueles que tentam matá-lo. Une-se ao antigo patrão - por ser este o pai de sua namorada – e sai em busca dos criminosos que o perseguem. Os assassinos matam o sogro e depois a namorada de José. Este, almejando vingança decide exterminar os assassinos.

O livro não é um dos grandes romances de Fonseca, chega até mesmo ser previsível para o leitor acostumado com a narrativa policial: antes do desfecho, o leitor consegue descobrir o mandante da perseguição. Contudo, a grande marca do livro é que, pela primeira vez, o personagem principal de Fonseca se apaixona:

Fiquei apaixonado por Kirsten. [...] Muitas pessoas devem achar estapafúrdio um sujeito que matou por encomenda uma porção de pessoas ser dominado por sentimentos desta natureza. Para falar a verdade eu também me considerava incapaz de uma emoção tão profunda, sentia tesão pelas mulheres, e admiração, mas paixão nunca sentira antes. Na verdade, *amor est vitae essentia*, o amor é a essência da vida (p. 56). Toda a semana eu ia ao cemitério onde Kirsten estava enterrada e colocava flores em sua sepultura. [...]Na parede da sala do meu apartamento eu olhava um quadro com uma foto ampliada de Kirsten. Eu a amaria para sempre. *Amor aeternu* (p.177).

É por causa do amor que José decide mudar de vida e tornar-se um homem comum. O livro resgata, em sua essência, a categoria literária do amor tão esquecido nos romances denominados pós-modernos.

Outra marca interessante é que o livro, pela primeira vez nas narrativas fonssequianas, está repleto de humor e ironia. O personagem principal é uma pessoa erudita: vive citando latim, é admirador dos grandes poetas, leitor voraz e conhecedor de vinhos.

O personagem também faz referências ao mito Sebastianista. Ao mudar de nome, escolhe o sobrenome Kibir, numa referência à batalha de Alcácer-Quibir. O personagem diz que um ancestral seu era comandante de Dom Sebastião na Batalha, por isso, o interesse pelo mito.

Na adolescência, José frequentou – por alguns anos - um seminário para padres. Por isso, no final do livro, depois de ter perdido seu amor e retornar ao crime, ele passa a ser chamado de “O seminarista”, que dá nome ao romance.

Fonseca deixa marcas de contemporaneidade ao longo da narrativa: “Eu estava ouvindo rock no MP3” (p. 51). Por esse motivo, José Castelo (2009, p.1) afirma que “a leitura de *O seminarista* nos carrega para os intestinos do contemporâneo”.

As grandes marcas da escrita fonsequiana não abandonam o livro: sexo, violência, oralidade ainda permeiam a narrativa. Trata-se de uma leitura fluida e sem grandes dificuldades para o leitor experiente de Rubem Fonseca. O que surpreende esse leitor é a presença nítida do herói romântico representado pelo protagonista, algo que antes não ocorria em romances fonsequianos. José, antes “O especialista” e agora “O Seminarista”, não só olha para Kirsten como um examinador de mulheres, mas a vê, percebe, examina a ponto de apaixonar-se e mudar de vida.

Entretanto, a morte da mulher amada instiga José a voltar ao crime: “a pessoa não deixa de ser o que é: do cabelo até as unhas, da cabeça aos pés – *a capillis usque ad ungues*, como disse Petrônio - eu continuava sendo o que sempre fui, ainda que tivesse mudado de nome” (p. 178).

O Seminarista termina com José sendo chamado para mais um trabalho sob encomenda, dando a ideia de perpetuação do ciclo da personagem no mundo do crime.

REFERÊNCIAS

CASTELLO, José. Entre o sangue e a palavra. *O Globo*. São Paulo. 7 de novembro de 2009, Segundo Caderno, p.1.

FONSECA, Rubem. *O seminarista*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

MEDEIROS, Leonardo Barros. Fragmentos do real na literatura: a realidade a serviço da ficção em Agosto de Rubem Fonseca. *Vernaculum: A Flor do Lácio*, v. 4, p. 01-19, 2010. Disponível em: <http://webserver2.ucp.br/html/joomlaBR/images/vernaculumvol4/fragmentos%20do%20real%20na%20literatura%20-%20leonardo%20barros.pdf> Acesso em: 14 de abril de 2010.

SILVA, Alvaro Costa e. Rubem Fonseca: a arte de amar em latim. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. 7 de novembro de 2009, Ideias & Livros, p. 5.

O retorno do amor no romance: notas sobre “O Seminarista” de Rubem Fonseca

Leonardo Barros Medeiros

Graduado em Letras Universidade Católica de Petrópolis

Professor da Rede Particular de Ensino de Petrópolis

leonardoletas@gmail.com